

Proposta é de juro fixo em 3%

BRASÍLIA — O pacote de renegociação da dívida externa inclui a proposta de juros fixos de 3% ao ano para os títulos que, se bem-sucedidas as conversações com os credores internacionais, deverão substituir metade da dívida de 70 bilhões de dólares que o Brasil tem com os bancos privados. Esse percentual foi acertado no almoço do presidente José Sarney com o comando de negociação, inclusive o ministro Bresser Pereira, na terça-feira.

Segundo influente assessor do governo, a diferença entre os 3% e a libor atual (taxa interbancária de Londres, que está em torno de 7%) seria quitada, após o prazo de pagamento da dívida — 21 ou 25 anos, dependendo das negociações. O Brasil, no entanto, oferecerá uma salvaguarda aos credores: o pagamento da diferença entre as taxas poderá ser antecipado, em caso de uma recuperação econômica interna comprovável por dados oficiais.

O projeto de conversão da dívida está praticamente concluído e tem duas vertentes: a troca de divisas por participação de capital, o que não

implica qualquer impacto na base monetária, e investimentos na área produtiva do país. A intenção do governo é promover “um leilão com limites” em que o melhor lance defina investidores e projetos. “O governo não quer entrar no corpo-a-corpo de um julgamento, pois isso sempre dá confusão”, justificou o assessor.

As áreas prioritárias para a conversão em investimentos serão exportações, Nordeste e turismo. A comitiva que acompanhou o presidente José Sarney ao México, no mês passado, ficou inclusive muito bem impressionada com a conversão de 1 bilhão de dólares da dívida daquele país para o turismo, com uma reserva para nova conversão no setor de 1,4 bilhão de dólares.

De todos esses pontos, contudo, um é prioritário não só no projeto de conversão da dívida, mas na própria estratégia do governo Sarney. “Nossa única alternativa para um crescimento sustentado hoje é a exportação, a geração de divisas”, lembra o assessor, citando sucessivos governos: no de Getúlio Vargas, a prioridade era a indústria de base; no de Juscelino Kubitschek, as indústrias automobilística e petroquímica; no do general Ernesto Geisel, a substituição de importações.

— Agora, exportar é mesmo a solução — concluiu, reproduzindo um velho slogan dos governos militares.